

**“Se eu pudesse te falar alguma coisa antes de existir”**

*L'eau est une flamme mouillée.*  
Novalis

*Complexité extreme. Tes films: des essais, des tentatives.*  
Robert Bresson

O movimento está intrinsicamente ligado ao espaço, ao tempo e à matéria. Um mistério que os une e que os relaciona. Conta-se que diante da defesa de suas ideias Galileu Galilei teria dito “Eppur si muove” [No entanto se move]. A terra gira, o universo nunca permanece imóvel. Heráclito de Éfeso identificava o movimento com o ser; ao homem primitivo, ao olhar para o céu, parecia que as estrelas dançavam ao redor do Sol. A humanidade remota criou como forma de adoração a combinação harmoniosa de seus movimentos corporais. Tudo podia comunicar-se, inclusive as paixões e os costumes por meio do ritmo figurado dos dançarinos.

Tão longínqua é a busca infatigável por sortilégios que permitam decompor e sintetizar os movimentos dos seres vivos. Tal como nosso amigo de tempos ancestrais, aquele primeiro sonhador com seus desenhos animados rupestres criados pelo seu encanto, com pessoas e animais de seu cotidiano, nota-se uma permanente busca para se atingir o cerne das realidades dinâmicas através de combinações fantásticas. Logo também vem brincar o javali de oito patas de Altamira, o exemplar mais antigo que se conhece da expressão pictórica do movimento e que nos antecipa de forma impressionante uma constelação de toda sorte de movimentos espectrais ao longo dos tempos... A remota origem do espetáculo de sombras. Das sofisticadas encenações chinesas às descrições de como os nativos da ilha de Java cultivavam sombras cheias de graça, até chegarmos ao atraente cabaré Chat Noir e seu concorrido teatro de sombras. Encontraríamos talvez uma aspiração magna do cinema em seu núcleo essencial – seu espírito, o fenômeno mesmo das relações cinemáticas entre as coisas, as vidas, os dramas, as emoções, as histórias. A luz e a sombra bailam... A *camera obscura* atravessa os tempos, espaço fabuloso de visualização do mundo. O quarto escuro cruzado pela luz através de uma pequena abertura projeta então em seu interior formas, agora tornadas imagens. Em seguida surge a *lanterna mágica*, invenção que se perde na noite dos tempos e torna-se, então, um pioneiro projetor de transparências fantasiosas, o início da longa e extraordinária aventura de se correlacionar imagens para se contar histórias.

*Sopro*. Essa palavra que possui propriedades encantatórias, o princípio da vida, da respiração, pode também trazer luz... Anna Costa e Silva nos oferece um convite para conhecer os experimentos de sua *camera obscura*, um chamado para explorar as projeções de sua *lanterna mágica*... Entramos na sala escura. A artista propõe outra reunião daquela habitual com que conduz suas propostas, onde prevalece o encontro entre as pessoas e as práticas de convívio e reconhecimento. Agora, seguramente, os encontros estão lá, mas se manifestam de forma diferente através de registros e projeções, de sonhos e cartas... Existe em *Sopro* uma combinação inédita para a artista de tempos e lugares. Eles nos fazem tentar entrever e mesmo tentar desvelar algo que estaria ali presente naquele amálgama de imagens, luminescências e envoltórios. Ao mesmo tempo que nos escapa, logo em seguida volta a nos seduzir, pela intuição, excitada por uma descoberta iminente que sutilmente se anuncia mas também se afasta, fugidia e rebelde.

Seis pequenas fotos dispostas lado a lado. Uma sequência de eventos, micropaisagens, fragmentos de uma narrativa que desconhecemos mas, curiosamente, percebemos estarem unidas por algo que sentimos, mais do que entendemos. Trazem consigo o círculo e a escuridão como signos que as unem. A simbologia do círculo é vasta e profunda, o movimento circular é perfeito, sem começo nem fim, daí sua correspondência com o céu. O círculo também é a figura dos ciclos celestes, símbolo do mundo espiritual e invisível. Essas imagens são *flashes* de uma atenção cotidiana cultivada por uma espécie de sintonia interior

que ao promover sua escuta também acaba por reclamar sua voz. Uma sentença, um enunciado. Há uma beleza no desamparo que experimentamos diante da sede por narrativas controladas e agora perdidas, incertas. Quais pensamentos estariam também flutuando naquela penumbra na sinuosa fumaça sob a lâmpada? Como a gema à beira do precipício do ralo, ali não há sentido algum e logo imediatamente há todo... Importante pensarmos aqui também a ideia de iminência e proximidade, da mudança de um dado contexto para um seguinte, diferente, como característica de uma sequência que avança e se transforma. O copo que começa a transbordar ou ainda a dramática e inevitável queda da gema ralo abaixo.

Em uma das fotos vemos um dedo indicador que se aproxima da chama e toca a cera líquida, algo erótica. Curioso como o exercício da atenção expandida pode nos surpreender, pois ali, naquela cera líquida, há também uma chave para esses entre estados provisórios tão caros à Anna, do sentido da passagem das coisas se tornarem outras coisas. Um desejo de ver as bordas e sondar os limites. Há uma tentativa, por mais longínqua que seja – daí seu drama –, de realmente “tocar” o mundo outra vez e naquele pequeno gesto procurar avidamente se reconciliar com ele, fazer parte dele. Ou então o simples trocadilho entre o salto da boca do fogão para um eclipse solar.

Deparamo-nos com uma seguinte proposição: uma sequência também, mas agora de pequenos textos, igualmente plenos de movimento, porém latentes. Oriundos de uma dramaturgia anímica. Esses relatos trazem sonhos recorrentes de amigos, pessoas próximas que se dispuseram a contar a insistência desses fantasmas que as acompanham. Anna demonstra um fascínio por essa coexistência de singularidades individuais, tão próximas e a um só tempo tão distantes... Os sonhos, fenômenos insondáveis e profundos da condição humana, são também passagens entre mundos, entre os estados intermediários do sono. Não estão aparentes na superfície mas evocam ecos da vigília e produzem *scripts* algo espirituais, pois quem afinal os governa? Quais profundezas se encontram lá dentro, em seu âmago? Agora, a visualização desses fenômenos cotidianos em *backlights*, dispositivos de informação para o exterior, para o mundo, produz uma espécie de polifonia de emoções, temores, histórias e dramas reunidos por Anna. Fascinada pelo mistério de cada uma dessas narrativas, reunidas e justapostas, ela busca talvez outra reunião, uma nova conjunção de situações e atravessamentos. Um outro olhar se produz para nosso espanto, daquelas presenças espectrais que retornam de noite e nos parecem tão inacessíveis. Testemunhos de nossa solidão. Anna em suas palavras no diz: “que louco seria imaginar uma conversa só a partir dessas narrativas, como se partes de nós pudessem sair do corpo à noite e encontrar outras partes por aí. Como seria essa reunião?”

Há perto dali uma pequena mesa branca, duas cadeiras e dois fones de ouvido. Duas gravações, duas cartas diferentes. Uma delas, da filha para sua mãe, como se ao segurar aquele bebê se pudesse também ler uma carta e num salto, a fala daquela menina, agora adulta. A outra carta, dela, sua mãe, escrita hoje. Uma troca epistolar, um diálogo que atravessaria o tempo... A simbologia maternal é de um alcance imenso, a mãe representa amor, proteção, cuidado, entre tantos outros fatores presentes no inconsciente coletivo. Lado esquerdo e noturno da existência, a mãe é também a Lua, a água e talvez o maior enigma de todos, o da origem da vida, *Sopro*. Notável a coragem da artista em chamar aqui esse mistério que pertence a todos nós que já fomos unidos a um cordão umbilical. Uma difícil fala sem dúvida, um desejo quiçá de desafiar e enfrentar o incompreensível, de se aproximar desse segredo, e dividir isso com as outras pessoas, convidadas aqui a ocupar o lugar das protagonistas ausentes.

Ao lado, em um recinto reservado, como numa pequena sala escura, vemos um objeto no chão. Logo percebemos ser um aquário. Suas proporções um tanto incomuns, uma pista talvez para o inusitado que se passa ali. Surpresos constatamos tratar-se de uma projeção. No fundo do aquário os últimos instantes de uma fogueira, um fogo morrendo, seus últimos espasmos de vida. Ali, naquela situação incongruente estão reunidos dois elementos vitais, água e fogo. Bachelard nos adverte que teria a ciência se desviado completamente do fogo, problema

realmente primordial, e os livros de química teriam capítulos sobre ele cada vez mais e mais curtos. A chama, o fogo, é um fenômeno no final das contas jamais resolvido...

O fogo é algo íntimo e universal, vive em nosso coração, ele vive no céu, ele sobe das profundezas da substância e se oferece como um amor. Ele retorna dentro da matéria e se esconde, latente, contido como o ódio e a vingança. Entre todos os fenômenos, ele é o único que pode receber claramente as duas valorizações contrárias: o bem e o mal. Ele brilha no paraíso, ele queima no inferno. Ele é doçura e tortura. Ele é cozinha e apocalipse. Ele é prazer para a criança sentada tranquilamente diante da lareira; ele pune, no entanto, qualquer desobediência quando nós queremos brincar muito perto com suas chamas, ele é bem-estar e ele é respeito. É um deus tutelar e terrível, bom e mau. Ele pode se contradizer: ele é então um dos princípios de explicação universal.

A cena é magnética e inexplicável, nos fascina aquelas brasas resplandecendo no fundo do aquário. Temos a impressão de estarmos diante de uma espécie de sonho sólido ou um estranho aparato ótico. Um *écran* revelador, de uma espessura nunca vista, qual densidade assume agora aquela água? *A água e os sonhos?* Uma lente de viscosidade imagética? Nada sabemos, mas ficamos ali, hipnotizados, apenas tentando encontrar hipóteses e reflexões.

Após sentirmos e vivenciarmos esse *Sopro*, temos a impressão de que Anna nos oferece imagens e sentimentos que vão nos acompanhar e nos encorajar a sonhar. Esses conflitos, esses silêncios, num espaço de acolhimento. Imagens e sonhos em movimento, fotos de um tempo desacelerado, na passagem entre mundos, entre estados, daquele delicioso lusco-fusco misterioso, que tanto fascina a artista. Mundo das profundezas, além da superfície, escuro e difícil, sim, mas pleno de afeto e fragilidade. Palavra cara à Anna – a fragilidade, eu diria: também traz bravura consigo por enfrentar o mundo e suas agruras com nossas vulnerabilidades, inseguranças e instabilidades. Anna busca um desejo de escuta, de conexão e de silêncio como se quisesse ouvir um pouco mais dessa melodia de todas as coisas e, sobretudo, dividir conosco essa fragilidade e equilíbrio tênues.

<sup>1</sup> CUENCA, Carlos Fernandez. *Historia del cine*. Madrid: Afrodísio Aguado, 1948, p. 19. *Ibid.*, p. 20.

<sup>3</sup> BACHELARD, Gaston. *La psychanalyse du feu*. Paris: Gallimard, 1949, p. 23. (Tradução do autor).

José Damasceno

Rio de Janeiro, 19 de agosto, 2018